

A MÃO DIREITA E A MÃO ESQUERDA DE TOLSTÓI

Por Sonia Branco, doutoranda

Quando Tolstói escreveu *Os cossacos* em meados do século XIX, fazia já décadas que o Cáucaso emprestava imagens à literatura russa e propiciava a renovação de seus temas literários, voltados para a idéia da comunhão entre homem e natureza. A paisagem caucasiana, indômita e selvagem, tão diversa e contrastante em suas estepes e montanhas de neves eternas, dunas e bosques cerrados, rios caudalosos e precipícios, havia explodido, romântica, em poemas de Púchkin e Liérmontov, na prosa romanesca de Biestújev, criando ou confirmando mitos sobre os audazes e valentes montanhesees que combatiam o Império Russo em nome da sua liberdade.

Desde o século XVI que a Rússia se tornara presente naquela região, mas a descoberta literária daquelas terras e de suas comunidades tribais, nas quais os costumes ocupavam lugar de lei, ocorre somente no início do século XIX, despertando um sonho de liberdade nos jovens escritores, curvados sob a férula tsarista.

Lugar de desterro dos poetas (“Adeus, Rússia ignóbil / terra de escravos, terra de senhores... Possa eu, trás os cumes do Cáucaso, / Esconder-me dos teus tsares...”¹ ou “O Cáucaso a meus pés. Só, em suas alturas, / Finco-me sobre a neve à linha do abismo...”²), o Cáucaso constituiu importante cenário para a nascente literatura nacional, oferecendo-se como contraponto à cruel realidade da vida russa, abrindo novos caminhos ao pensamento.

Com Tolstói o valor alegórico da paisagem caucasiana ganha uma dimensão moral. Sob influência de J-J. Rousseau, ele investiga as relações entre o indivíduo e o coletivo, o homem natural e o homem civilizado, com o intuito de negar os valores da civilização. No entanto, seu romantismo tardio estabelece uma notável polêmica com os clichês românticos do heroísmo, da glória das batalhas e do patriotismo exagerado, tão característicos dos escritores do gênero. Ao contrário deles, Tolstói reduz as tramas convencionais e excitantes aventuras a meros incidentes, utilizando-os como uma espécie de motivação para a exposição de quadros psicológicos dos soldados, oficiais russos e dos seus oponentes: as tribos nativas das montanhas.

¹ Poema de Liérmontov

² Poema de Púchkin

No contexto da novela, Tolstói opõe às fraquezas e desejos mundanos de seu herói, Oliênin, o absoluto espiritual simbolizado pela imagem majestosa das montanhas e pela pureza das suas neves eternas. A incapacidade do herói em encontrar um lugar satisfatório para si mesmo, culminando com seu desligamento individual da sociedade moscovita, ao início da novela, ou da comunidade cossaca, ao final, marcam o início de sua investigação sobre o papel do indivíduo no contexto do coletivo social e histórico. Essa investigação estará presente logo em seguida na construção dos romances: *Guerra e Paz* e *Ana Karênina*, onde o autor apontará a impotência do indivíduo para realizar seus planos e ambições, seus ideais e sua imaginação livre face à realidade histórica.

À diferença de seus predecessores românticos, Tolstói narra o cotidiano da vida no Cáucaso com grande precisão e riqueza de detalhes, buscando o colorido vivo da realidade. Tal investigação permite situá-lo dentro do espírito artístico de sua época, chamado pelo crítico Bielínski de “Escola Natural”. Com essa categorização, o crítico tinha em conta a aproximação ao povo e à multifacetada natureza russa pela prosa peterburguesa de Gógol, pelo romance em prosa *Evguêni Oniéguin* de Púchkin, por parte da prosa inicial de Dostoievski, entre outros, independente das características e estilo de cada um dos autores. Bielínski apostava, então, na criação de uma literatura realista para as massas.

Também diversamente dos românticos, Tolstói não se atém à vida das populações rebeldes, mas antes à das populações cossacas que, instaladas na região do Cáucaso há dois séculos, serviam como uma espécie de milícia de fronteiras ao tsar, em troca de relativa autonomia. Essas comunidades cossacas haviam adotado hábitos e costumes dos nativos locais, “orientalizando-se”³ - modo como afirmavam a sua singularidade social. O cossaco não se considerava propriamente um russo, preferindo identificar-se com as nações circassianas⁴ (tchetchenos, ossietas, georgianos, circassianos etc), e daí decorre o inevitável choque entre ele e o soldado russo, como tão bem observamos na novela de Tolstói.

Liev Tolstói pertencia à alta nobreza proprietária de terras, havia perdido os pais, ainda pequeno, e gozara de uma excelente educação. Porém, sem ter completado qualquer formação, esbanjava sua vida e riqueza nos salões da corte, no ócio e nas jogatinas, como em geral os jovens de sua classe social. Esse quadro da devassidão

³ O Cáucaso era considerado Oriente para os russos.

⁴ O Cáucaso era denominado de forma genérica como Circássia, tomando o nome da maior nação que o habitava.

juvenil se tornara bastante comum desde que no reinado de Catarina II os nobres haviam sido liberados da obrigação de prestar serviços ao Estado. Vivendo dos rendimentos das suas terras, que eram cultivadas por servos também de sua propriedade, esses nobres, sem qualquer necessidade na vida, se entregavam livremente às suas ambições e prazeres pessoais. Os rapazes que entravam para essa *jeunesse dorée* logo se tornavam homens entediados e inativos. A literatura representou essas figuras sociais negativas em diversas obras, tornando-as um dos seus “tipos” mais significativos, conhecido como “homens supérfluos”. Essa expressão de uso antigo indicava, para o senso comum, indivíduos ou personagens que viviam em estado de desarmonia com o mundo, “alienados” ou “estranhos” psicológica ou socialmente. No entanto, os intelectuais russos de meados do século XIX redimensionaram seu sentido, passando a identificar os “homens supérfluos” à classe nobiliárquica, com o claro intuito de criticar a sociedade russa. Tais personagens são encontrados em obras como: *Oblómov* de Gontcharóv (1859), *Rúdin* de Turguêniev (1856), *Quem é culpado?* de Herzen (1847), *Evguêni Oniéguin* de Púchkin (1832) etc.

Para o jovem conde Liev Tolstói, de espírito irrequieto, esse tipo de vida chegava a seu termo. Insatisfeito com o ócio e a superficialidade do seu meio, decide partir para o Cáucaso. O rompimento do futuro escritor com a vida que levava significou, antes, uma busca filosófica pela “verdade” do homem, do que uma condenação do sistema social em que vivia. As questões da moral e da consciência humana sempre o absorveram, mantendo-o o mais das vezes afastado das grandes polêmicas sobre arte e política que emergiam a primeiro plano, sobretudo a partir dos anos de 1860.

Dessa forma, através do movimento do seu herói Oliênin em *Os cossacos*, o autor expõe reflexões filosófico-críticas sobre a condição humana. Boa parte da novela *Os cossacos* é constituída por uma narração autobiográfica e trata do período em que o jovem Tolstói engajou-se nos exércitos do Cáucaso como aspirante a oficial, passando a viver em um vilarejo cossaco.

Na história, Oliênin, entediado com a vida que levava e após dilapidar boa parte do seu patrimônio, decide iniciar uma nova vida e se alista nos exércitos do Cáucaso, sem planos e objetivos precisos, mas sonhando com uma futura felicidade. Como jovem aspirante a oficial, permanece durante certo tempo em um vilarejo cossaco, onde encontra uma sociedade que ainda não emergiu de seu estado natural “heróico”. Tio Ieróchka, um de seus personagens mais inesquecíveis, valente e velho

cossaco, havia se tornado um beerrão, mas era ainda grande caçador, assim como grande contador de histórias e filósofo. Cruel e doce, astuto e simplório, agnóstico e panteísta, ensina Oliênin a viver em sintonia com a natureza. Oliênin se apaixona por uma moça do vilarejo, prometida a um jovem e valente cossaco. Tio Ieróchka chora o seu mundo em extinção: os cossacos começam também a se tornar civilizados.

Tolstói escreveu *Os cossacos* ao longo de doze anos, desde a sua experiência no Cáucaso (1851) e até sua publicação (1863). Durante esse tempo, obteve fama como escritor com o tríptico autobiográfico *Infância, Adolescência e Juventude*, com seus *Contos de Sevastópol*, sobre a guerra da Criméia, de que participou, e com alguns outros contos. A novela de que tratamos antecede imediatamente seu primeiro e maior romance *Guerra e Paz*, o que significa em termos de construção literária saltar de um fragmento de vida elevado à condição de única realidade, para uma das obras de maior complexidade da literatura, onde muitos dos elementos esboçados pela primeira serão ali desenvolvidos.

TOLSTÓI: UM REALISTA ROMÂNTICO

“_ Que é isso? Que é aquilo? – perguntou ao cocheiro de posta.

_ As montanhas - respondeu indiferente o nogái.

.....
Observando ainda mais, como a Cadeia de montanhas nevadas brotava e crescia direto das estepes e não das outras montanhas escuras, (Oliênin) foi pouco a pouco penetrando essa beleza e *sentiu* as montanhas. Desde esse momento, tudo o que via, tudo o que pensava, tudo o que experimentava vinha impregnado pelo novo, pelo majestoso das montanhas. Todas as lembranças de Moscou, a vergonha e os arrependimentos, todos os sonhos banais com o Cáucaso, tudo desapareceu e não mais retornou .

.....
Olha para o céu – e lembra as montanhas. Olha para si, para Vâniucha – e novamente as montanhas. Passam dois cossacos montados: os fuzis nos estojos balançam regularmente às suas costas, na cadência das pernas baias e cinzas de seus cavalos; as montanhas... Atrás do Térek pode-se ver a fumaça de um *aul*; as montanhas... O sol se levanta e brilha sobre o Térek, percebido por detrás do juncal; as montanhas... Da stanítsa sai uma *arbá*, mulheres passam, belas mulheres, jovens; as montanhas...Os *abrek* circulam pela estepe, mas eu prossigo, não os temo, tenho meu fuzil, força e juventude; as montanhas...”⁵

A antítese entre o homem civilizado e o povo não corrompido pela civilização, cuja vida se funde com a natureza, constitui um dos principais temas das obras de Tolstói, e se apresenta nesta novela pela primeira vez.

⁵ Fragmento da novela *Os cossacos* de L. Tolstói

O autor, tendo elevado a natureza a ideal e a identificado a uma cultura primitiva, vai desdobrá-la no plano interior da sua própria experiência e refleti-la em seus personagens; no entanto, podemos considerar que se dá um segundo desdobramento: para o plano exterior da investigação da sociedade russa. A natureza em Tolstói, não se desmanchando em estados de alma - procedimento característico às obras propriamente românticas – não deve ser compreendida como totalmente incorporada à subjetividade.

Lukács em sua *Teoria do Romance* considera que a problemática presente nas obras de Tolstói surge da oposição entre mundo orgânico natural e mundo da cultura, pensados pelo autor como duas camadas de realidade heterogêneas: por um lado a natureza posta como ideal e vivida como experiência, e por outro as convenções, regras e leis da vida social, à qual o homem inevitavelmente pertence e da qual, no final das contas, não pode fugir.

Essa leitura inscreve o escritor em um romantismo que não chegou a ocorrer na Rússia, já que, desde o seu início, a literatura russa não apenas esteve comprometida com a construção da identidade nacional, mas buscou reconhecer e incorporar *criticamente* os mais diversos aspectos espirituais e sociais dos quatro cantos do Império. Tolstói como escritor de meados do século XIX não poderia ficar imune a isso. A prosa russa jamais foi romântica segundo o entendimento ocidental do termo. Apesar da inserção em maior ou menor grau de elementos líricos, do subjetivismo presente na experiência refletida do autor, da evocação do passado e da incidência de temas históricos ou sobre viagens, Cáucaso, Oriente, guerras etc., a prosa sempre foi o espaço da crítica social, da manifestação do desacordo e da investigação da realidade russa. Herdou o maior aparato crítico do classicismo russo: a sátira, que, passando pelas mãos de Púchkin, chegou às de Gógol e, através de inúmeras outras mãos chegou ao século XX de Tchêkhov, Bábel e Chólokhov.

Assim, não está exato opor natureza e cultura; a oposição que se deve fazer é entre civilização e natureza, em ambas estando compreendida a idéia de cultura.

Tolstói começa a escrever após o fracasso das Revoluções burguesas de 1848, quando o modelo europeu de civilização fora abandonado pela *intelligentsia* russa que, por sua vez, perseguia novos caminhos ao mesmo tempo em que era perseguida e silenciada pelo Estado absolutista, em um dos governos mais terríveis de sua história. Foi também uma época de amplas revoltas camponesas pelo fim da servidão, o que

paradoxalmente alimentava um certo clima de otimismo entre os escritores, reforçando sua fé no homem e esperança na vitória do humanismo sobre as forças da tirania.

A ascensão do novo tsar Alexandre II em 1855 trouxe uma relativa distensão, que os intelectuais russos souberam aproveitar, retornando às trincheiras da tinta e do papel. Já uma nova geração de escritores vinha, então, disputar a hegemonia sobre a opinião pública numa sociedade que iniciava o seu processo de industrialização, triplicando a população das grandes cidades com a absorção da mão de obra camponesa sem terra após a emancipação da servidão. A literatura era agora considerada parte da estratégia de conscientização do povo, reflexo da realidade, e mais ou menos dessa forma se inseria no projeto para a construção do socialismo. Chamados de “radicais” por oposição à antiga *intelligentsia* “esteta”, os embates entre esses dois campos e a hegemonia finalmente conquistada pelos radicais modificaram os caminhos da história russa. Tolstói e Dostoiévski, sem se esquivar de todo dos debates, mantiveram-se, no entanto, independentes em relação àquelas posições.

Tolstói, aos dezoito anos, escrevia em seu *Diário* que o objetivo de sua vida era a “aspiração consciente a um completo desenvolvimento de todo o ser”, e que se tornaria o mais desgraçado de todos os homens se não chegasse a alcançar um objetivo universal e útil para a sua vida; palavras que fizeram fortuna pela boca dos personagens que criou como duplos de si mesmo em todos os seus romances, a saber: Bolkónski (*Guerra e Paz*), Liêvin (*Ana Karênina*) e Nekhliúдов (*Ressurreição*). No segundo dos *Contos de Sevastópolis*, conclui: “O herói do meu conto, aquele que amo com todas as forças da minha alma, que tenho me esforçado para recriar em toda a sua beleza, foi e será sempre grandioso: esse herói é a verdade”.

Na novela *Os cossacos*, Tolstói aprofunda a ruptura entre o mundo da cultura civilizada e o mundo da cultura natural através da rememoração: evocando o seu passado, aproxima a sua vida anterior em Moscou da sua nova vida na comunidade cossaca, seu presente, e submete-as a juízos de valor. Considera o seu passado sempre negativamente, enquanto enxerga no presente a possibilidade de alcançar o sentido da vida, para ele: a felicidade. Como naquela ruptura está inscrita a separação entre sentido (essência, natureza) e vida (temporalidade, modernidade), a tentativa do escritor de ultrapassar o abismo, de criar imanência de um no outro se dará pela formulação de “verdades”.

“De repente, foi tomado por um sentimento tão singular e imotivado de felicidade e de amor por todas as coisas que, por um antigo hábito de infância, persignou-se e agradeceu a alguém. Veio-lhe então à mente com especial clareza que ‘eu, Dmítiri Oliênin, criatura tão distinta de todas as outras, estou só, deitado deus sabe onde, no local onde vive um cervo, um velho cervo, belo, que talvez nunca tenha visto um homem, um local em que nunca nenhuma pessoa esteve e nem teve tal pensamento...

...perto de mim, os mosquitos voam entre as folhagens que lhes parecem enormes ilhas, planam pelo ar e zunem: um, dois, três, quatro, cem, mil, um milhão de mosquitos e todos eles, não sei por que, zunem não sei o que ao meu redor e cada um deles é um Dmítiri Oliênin tão distinto dos outros como eu mesmo o sou.’...

E ficou claro para ele que de forma alguma era um nobre russo, membro da alta sociedade moscovita, amigo ou parente de fulano e sicrano, mas simplesmente um mosquito, ou um faisão, ou um cervo como aqueles que vivem por ali. ‘Assim como eles, como tio Ieróchka, eu vou viver e morrer’.

‘Bem, o mato vai cobrir, e daí?’ pensou ‘É preciso viver, ser feliz; pois bem, eu só desejo uma coisa - felicidade. Não importa o que eu seja: um animal como os outros que o mato vai cobrir e nada mais, ou uma tela na qual se insere uma parte da unidade divina – seja o que for, é preciso viver o melhor possível. Mas como se vive para ser feliz? E por que eu não fui feliz antes?’ Pôs-se a recordar sua vida passada e sentiu horror de si mesmo...

Subitamente, como que se revelou para ele um novo mundo. ‘A felicidade – eis onde está’ disse para si mesmo ‘a felicidade está em viver para os outros. É evidente. Foi dado ao homem aspirar à felicidade, logo, essa aspiração é legítima. Satisfazendo-a se forma egoísta, quer dizer, buscando para si riquezas, glória, conforto, amor, pode acontecer de as circunstâncias não nos permitirem satisfazer nossos desejos. Nesse caso, esses desejos é que são ilegítimos e não a aspiração à felicidade. Afinal, quais desejos podem ser satisfeitos sempre, a despeito das condições exteriores? Quais? O amor, a abnegação!’

Oliênin ficou tão alegre e emocionado ante a descoberta do que lhe parecia uma nova verdade que se ergueu de um salto e, na sua impaciência, se pôs a procurar alguém por quem ele pudesse logo se sacrificar, alguém a quem ele pudesse fazer o bem, alguém que ele pudesse amar... ”⁶

Em 1870, o crítico radical Mikhailóvski escreveu em seu artigo “A mão direita e a mão esquerda de Liev Tolstói” que “Duas coisas são sempre ditas sobre o conde Tolstói: que ele é notadamente um grande escritor de ficção e um mau pensador.” O crítico toma a defesa do escritor contra liberais e socialistas, que viam nas doutrinas éticas do romancista e em particular na sua glorificação dos camponeses e do instinto natural, e depreciação pelo progresso científico, um sofisticado obscurantismo que prestava serviço aos reacionários e padres. Mikhailóvski rejeita essa visão e conclui, após longas considerações, pela existência de um conflito inevitável e insolúvel nas concepções do romancista sobre a natureza humana e sobre a problemática entre civilização russa e européia. Tolstói não era um intelectual radical, nem um eslavófilo, a favor do cristianismo e da monarquia nacionalista. Como os radicais, condenava a repressão política, a violência arbitrária e a exploração econômica, por criarem desigualdades entre os homens. Mas refutava sua crença nas ciências naturais, suas

⁶ Idem

idéias sobre responsabilidade cívica, mudanças políticas e sociais, democracia, progresso material e secularismo. Acreditava na liberdade individual e no progresso que poderia advir pela educação, no sentido de um saber equânime, do qual todos os homens participariam. Considerava que as elites e os intelectuais haviam perdido a mais preciosa das características humanas: a capacidade que nasce com todos os homens de enxergar a verdade eterna e imutável, agora apenas atingida pelos olhos inocentes da criança, dos camponeses e daqueles que não se deixam cegar pela vaidade e orgulho. Os valores que propugna, não os encontra na história, nas missões sagradas de nações, culturas ou igrejas, mas na experiência pessoal do indivíduo. Rejeita a noção romântica de raça, nação ou cultura e a concepção hegeliana da história como razão que se realiza e aperfeiçoa no homem, nas instituições, nos movimentos, vendo nisso um nebuloso e metafísico *non sense*. Considera cegueira acreditar, como fazem os liberais e os socialistas, que a época de ouro da humanidade virá adiante, que a História é a história do aperfeiçoamento, que o avanço material pela ciência natural coincide com o avanço moral. Assim, a sua abordagem da realidade russa trilha um realismo não comprometido com o aparato teórico e prático dos intelectuais da sua geração.

No fragmento acima, Oliênin parece haver descoberto o caminho da felicidade na natureza verdadeira e simples daquela comunidade de cossacos, onde não se encontram os artifícios da sociedade moscovita. A felicidade consiste, então, para o herói, na abnegação e no amor contemplativo. A partir desse momento deseja se tornar um cossaco entre os cossacos. Será possível ao homem civilizado se investir de verdades e valores por si mesmo, perdendo ou esquecendo os adquiridos anteriormente, a fim de transformar-se em um camponês ou em um livre e feliz cossaco? Esse é um dos problemas centrais que atormentam Tolstói e ao qual retornará obsessivamente nos seus romances, em busca de respostas.

Os cossacos Luka e o velho tio Ieróchka são seres moralmente superiores, felizes, e esteticamente mais harmoniosos que Oliênin. E Oliênin sabe disso. A sua concepção de felicidade pelo amor contemplativo e abnegação é totalmente estranha aos cossacos e será posta em cheque na sua relação com Mariana. O amor que nutre pela cossaca Mariana, prometida ao jovem e valente Luka, passando a atormentá-lo, lhe mostrará a impossibilidade de realização da sua utopia, e culminará no seu retorno ao mundo civilizado.

“Já escrevi sobre as minhas novas convicções, sobre como as retirei da minha vida solitária; mas ninguém pode imaginar a que preço elas se formaram em mim, com que alegria, ao tomar consciência delas, vi se abrir um novo caminho na minha vida.

...Veio o amor e com ele as minhas convicções se foram, não existem mais e não há o que lamentar. Não consigo entender como pude valorizar um estado de espírito tão unilateral, frio e racional. Veio a beleza e tornou em pó todo esse duro labor interior. E não lamento o que desapareceu! A renúncia é uma bobagem, uma asneira. É orgulho, refúgio de uma infelicidade merecida, um meio de se salvar da inveja pela felicidade do outro. Viver para os outros, fazer o bem! Para que?

...Não é para os outros, não é mais para Luka, que desejo felicidade. Já não amo esses outros...”⁷

Tolstói, apesar de crer na existência de uma vida essencial a ser alcançada pela experiência de uma subjetividade autêntica, termina por admitir a inevitabilidade do retorno ao mundo convencional.

Tratando das pequenas formas épicas, Lukács observa que a criação puramente artística de uma realidade correspondente a esse mundo essencial sonhado não se sustenta, porque a aspiração utópica da alma não se legitima e não merece tornar-se o centro do mundo, a não ser que exclua a possibilidade da satisfação. Se a alma consegue descobrir um mundo capaz de satisfazê-la, prova que sua insatisfação com o presente era mero descontentamento estético, nostalgia decorativa, que uma vez satisfeita revela vazio interior e ausência de idéias.

Tolstói/Oliênin se retira da comunidade cossaca; virá em seguida a marchar sobre o campo da guerra napoleônica, dessa vez com Bolkónski, mas sempre em busca de uma nova humanidade, que para ele só pode se realizar pela verdade da natureza.

BIBLIOGRAFIA:

Berlin, I. *Russian Thinkers*, New York. The Viking Press, 1978

Billington, J. *The Icon and the Axe*. New York. Vintage Books, 1970

Branco S,S “Pensamento e crítica na Rússia oitocentista”. Dissertação de Mestrado. UFRJ,2009

Fridlender, G. *Poética rúskogo realisma*. Leningrad. Isd. Naúka, 1971

Lo Gatto, E. *La literatura rusa moderna*. Buenos Aires. Ed. Losada, 1972

Lukács, G. *A teoria do Romance*. Lisboa.Editorial Presença,?

_____ “Narrar ou descrever” in *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro.Civilização Brasileira, 1968.

⁷ Idem

Mann, Iu. *Poétika rúskogo romantisma*. Moskvá. Isd. Haúka, 1976

Terras, V. *Handbook of Russian Literature*. New Haven. Yale U.P., 1985

_____ *A History of Russian Literature*. New Haven. Yale U.P., 1991

Tolstói, L. *Os cossacos*. Trad. Sonia Branco. SP. Livros da Matriz, no prelo.